

## SITUAÇÃO DA CULTURA DO MILHO NO BRASIL

A produção brasileira de milho na safra de 1986/87 atingiu 27,6 milhões de toneladas, numa área de 13,6 milhões de hectares. As últimas previsões para a safra de 1987/88 indicam uma queda de 6,6% em relação à safra anterior, tanto em área quanto em produção. A queda prevista é mais acentuada no Centro-Sul (7 a 9%) do que no Norte e Nordeste (5%). Portanto, poderão ser colhidas 24,3 a 24,9 milhões de toneladas em 12,5 a 12,8 milhões de ha, em 1988, mantendo-se um rendimento médio acima de 1.900 kg/ha. No Centro-Sul o rendimento esperado aproxima-se de 2.500

kg/ha. As oscilações que se verificam ano a ano, em área plantada, produção e rendimento cultural são devido a uma multiplicidade de fatores muitas vezes interrelacionados entre si. A grande dispersão geográfica da produção implica em acentuada diferenciação de produtividade, além de aumentar os riscos de adversidades climáticas que afetam a cultura do milho. Tamanho das lavouras, objetivos da produção e nível tecnológico diferentes são comuns em regiões diferentes.

É importante a produção oriunda da pequena propriedade, em termos nacionais e, mais acentuadamente, em determinados locais, como o Nordeste e os Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Em 1980, 68% do milho brasileiro foi produzido em propriedades de menos de 100 ha. Importante é, também, a presença da pequena lavoura, independentemente do tamanho da fazenda. No mesmo ano, 53% da produção teve origem em lavouras de menos de 10 ha e 91% vieram de lavouras com menos de 100 ha. Considerando a região Centro-sul, que tem o predomínio absoluto na produção de milho, o quadro não é diferente, sendo 50% da produção originária de lavouras com menos de 10 ha e

90% em lavouras com menos de 100 ha.

A importância da pequena propriedade e a exploração do milho em pequenas áreas dentro da propriedade são fenômenos tão generalizados no Brasil quanto a própria distribuição geográfica da produção. Os dados do Censo de 1980 (últimos disponíveis) permitem ver que a pequena propriedade e a pequena lavoura tendem a perder em eficiência técnica para a média propriedade e para a lavoura maior, respectivamente. Essa constatação deriva da análise do rendimento cultural, que tende a crescer em um ângulo, com o aumento do tamanho da fazenda e, em outro, com o aumento da área de lavoura, com um limite a menos de 500 ha, em ambos os casos. O fenômeno, porém, é um pouco mais claro para a relação entre rendimento e tamanho da lavoura do que para a relação entre rendimento e tamanho da fazenda. Além do mais, o fenômeno em qualquer caso é muito atenuado quando se considera apenas a Região Centro-Sul.

Aprofundando-se um pouco mais na dimensão tecnológica da realidade da cultura do milho no Brasil nota-se que, ainda pelos dados do Censo de 1980, 46% da área foi cultivada com sementes comuns e praticamente sem outra técnica melhorada, que gerou 30% da produção. Na região Centro-Sul (o destaque se dá, novamente, pela importância da região na produção total), 31% da área cultivada com semente comum gerou 25% da produção regional.

A prática de adubação correta, mesmo na presença de semente comum, já pode provocar aumento significativo de produção. Contudo, a utilização de semente melhorada, na presença de outras práticas, conduz a aumentos de rendimentos mais substanciais e, com certeza, queda nos riscos de produção. Os dados apresentados estão relativamente lon-

ge, no tempo, e a realidade hoje já pode ser diferente. Servem, porém, de alerta e acentuam a necessidade de se buscar as verdadeiras razões porque, apesar da disponibilidade de tecnologia, ainda perduram situações de atraso tecnológico. É útil não se perder de vista o fato de que as possibilidades comerciais do milho, além do próprio uso no meio rural, estão atadas à possibilidade de expansão da indústria de rações, que, por sua vez, depende da potencialidade da avicultura e suinocultura principalmente, diretamente ligadas ao nível e distribuição de renda no setor urbano. A propósito, a tendência dos preços reais de milho recebidos pelos produtores do Centro-Sul é declinante desde janeiro de 1986, segundo a Comissão de Financiamento de Produção-CFP. A avicultura tem enfrentado desestímulos à sua expansão e parece não ser muito melhor a situação da suinocultura nacional.

A cultura do milho, principalmente no centro-Sul, sofre alguma concorrência de outras atividades como soja, trigo e às vezes algodão, que, quando oferecem melhores oportunidades de mercado, acabam por ocupar áreas que, de outra forma, poderiam ser ocupadas com milho. A concorrência é, de certa forma, diminuída pela complementaridade das atividades, como acontece na rotação soja-milho, com reflexos positivos para ambas as culturas. Vale acrescentar ainda, com o mesmo propósito, que, segundo Dantas, da CFP, a

renda líquida obtida com milho na safra de 1986/87 foi inferior à obtida com algodão (Cz\$3.120,00/ha), arroz irrigado no Rio Grande do Sul (Cz\$6.049,00/ha) e soja (Cz\$2.330,00/ha).

Essas colocações foram feitas procurando acenar na direção de entraves à modernização da cultura do milho que estão fora do controle do produtor, não afetando seriamente a sua decisão. Não se pode esquecer que existem fatores internos à propriedade que conduzem a cultura na mesma direção. Como resultado, o que se nota é um desenvolvimento relativamente lento da cultura do milho no Brasil. A evolução, então, pode ser notada pelos dados de rendimento cultural: 1960, 1.298 kg/ha; 1970, 1.442 kg/ha; 1980, 1.779 kg/ha, 1.955 kg/ha na safra 1986/87 e próximo desse nível deve permanecer na safra de 1987/88.

Conquanto aqui tenham sido apontados muitos pontos negativos, a potencialidade de modernização da cultura do milho no Brasil é grande, determinada pelo uso generalizado como alimento animal, principalmente, manejo da cultura relativamente simples, possibilidade de aumento no consumo humano e, muito importante, o desenvolvimento de novos materiais genéticos e novas técnicas de produção que mostram, experimentalmente, a produtividade da lavoura. José A. Monteiro.